



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CEILÂNDIA  
GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

WALTER PAMPLONA DOS SANTOS

**Mídia e Saúde: o discurso sobre o Zika Vírus no Jornal  
Nacional de 2015 a 2016**

Brasília  
2022

WALTER PAMPLONA DOS SANTOS

**Mídia e Saúde: o discurso sobre o Zika Vírus no Jornal Nacional de 2015 a 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisitos parcial para obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva pela Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Clélia Maria de Sousa Ferreira Pereira

Brasília  
2022

## **Agradecimentos**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, só ele sabe o quando foi difícil essa batalha, mas graças a Ele deu tudo certo.

Agradeço aos meus pais Marcilene Alves Pamplona e Walter dos Santos Sebastião e ao meus avós Carlinda Clementino e João Clementino por todo o esforço investido na minha educação, sei que não foi fácil para eles me criarem, mas graças a Deus e eles eu estou conseguindo trilhar um caminho certo.

Também gostaria de deixar um agradecimento mais que especial à minha namorada Cristiane Machado do Vale de Andrade que sempre esteve ao meu lado durante o meu percurso acadêmico, e foi uma das peças principais para a conclusão da minha graduação, obrigado por cada discussão e puxão de orelha, por toda paciência e persistência, obrigado por segurar minha mão nos momentos mais difícil da minha vida.

Não poderia de deixar de falar da minha segunda peça chave, minha orientadora Clélia Pereira, que exemplo de mulher, sou grato pela confiança depositada em mim, foram anos de lutas mas enfim conseguimos. Como prometido vou mandar o quadro do meu diploma para a senhora colocar como troféu na sua parede, obrigado pela paciência e persistência professora, obrigado por me manter motivado durante todo o processo.

Alguns familiares e amigos foram pessoas especial na minha trajetória, minhas tias Vera, Linda, Celena, meus amigos e amigas Silvana Machado, Bruno de Lucas, Hugo Vasco, Tiago Oliveira, Aparecida Machado, cada um desses tem um pequeno pedaço na minha formação acadêmica.

Gostaria de agradecer ao movimento estudantil da saúde coletiva onde muito aprendi, em especial a gestão PAIM que tive o privilégio de participar e aprender bastante, e a todos que participaram da gestão, não irei citar nomes para não cometer o deslize de esquece de citar alguém. Finalizo meu agradecimentos ressaltando a importância do movimento estudantil, precisamos oxigenar esse movimento tão lindo, precisamos lutar pela pesquisa, ciência e extensão.

Fora Bolsonaro!!!

É necessário sempre acreditar que o sonho é possível, que o céu é o limite e você, truta, é imbatível (Raciocínio mc's).

## Lista de ilustrações

Figura 1 – Perfil das Entrevistas vinculadas pelo Jornal Nacional - 2015-2016 - Classificadas (Informativa, Alarmista e Intimista) . . . . .	19
Figura 2 – Regiões mais citadas nas reportagens veiculadas entre 2015-2016 pelo Jornal Nacional . . . . .	20
Figura 3 – Frequência do Registro de Eventos em Saúde Pública - Microcefalia - Segundo Região de Notificação no período 2015-2016 . . . . .	21

## Lista de tabelas

Tabela 1 – Frequência segundo Região de Notificação de Microcefalia no período de 2015-2016 . . . . .	21
Tabela 2 – Quadro do panorama apresentado pelo Jornal Nacional sobre a emergência do Zika vírus no Brasil no período de 2015 a 2016 . . . . .	23
Tabela 3 – Entidades mais citadas nas reportagens veiculadas entre 2015-2016 pelo Jornal Nacional . . . . .	26

## Lista de abreviaturas e siglas

ANS	Agência Nacional de Saúde
CDC	Centro de Controle e Prevenção de Doenças
DF	Distrito Federal
EUA	Estados Unidos da América
EpiSUS	Programa de Treinamento em Epidemiologia Aplicada aos Serviços do Sistema Único de Saúde
H1N1	INFLUENZA
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PE	Pernambuco
PNVS	Política Nacional de Vigilância em Saúde
RN	Rio Grande do Norte
RNA	Ribonucleic Acid (Ácido Ribonucleico)
SCZ	Síndrome Congênita do Zika
SP	São Paulo
SUS	Sistema Único de Saúde
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UMA	União de Mães de Anjos
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade de Campinas
UNICEF	United Nations Children's Fund

UNIFESP      Unifersidade Federal de São Paulo

UNIRIO      Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USP          Universidade De São Paulo



## Sumário

<b>1</b>	<b>Introdução</b> . . . . .	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>Objetivo</b> . . . . .	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>Objetivo Geral</b> . . . . .	<b>11</b>
<b>2.2</b>	<b>Objetivos Específicos</b> . . . . .	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>Método</b> . . . . .	<b>12</b>
<b>3.1</b>	<b>Procedimentos</b> . . . . .	<b>12</b>
<b>4</b>	<b>Referencial teórico</b> . . . . .	<b>13</b>
<b>4.1</b>	<b>O Zika Vírus: o surgimento da epidemia</b> . . . . .	<b>13</b>
4.1.1	Transmissão do Zika Vírus . . . . .	14
<b>4.2</b>	<b>Vigilância em Saúde</b> . . . . .	<b>14</b>
<b>4.3</b>	<b>Comunicação em Saúde</b> . . . . .	<b>15</b>
4.3.1	A política de comunicação em saúde para o SUS . . . . .	16
<b>4.4</b>	<b>A relação entre Mídia e Saúde</b> . . . . .	<b>17</b>
<b>4.5</b>	<b>O telejornalismo e sua função social</b> . . . . .	<b>17</b>
<b>5</b>	<b>Resultados e Discussões</b> . . . . .	<b>19</b>
<b>5.1</b>	<b>Cobertura jornalística sobre a microcefalia do período de 2015 a 2016</b>	<b>19</b>
<b>5.2</b>	<b>Panorama das entrevistas sobre Zika Vírus pelo Jornal Nacional</b> . .	<b>22</b>
<b>5.3</b>	<b>Entidades presentes nas reportagens</b> . . . . .	<b>26</b>
<b>6</b>	<b>Considerações Finais</b> . . . . .	<b>29</b>
	<b>Referências</b> . . . . .	<b>30</b>

## 1 Introdução

O Zika vírus é uma de uma doença febril aguda que acomete o aparecimento de manchas avermelhadas na pele, e que geralmente evoluem para a cura. Sua transmissão ocorre prioritariamente pela picada do mosquito *Aedes aegypti*, o mesmo transmissor de outras arboviroses como dengue, e a febre amarela urbana (GARCIA, 2018).

No final de 2015, começa o aumento dos casos de microcefalia em recém-nascidos, diversos casos foram notificados, inicialmente concentrados no Nordeste e depois se propagando para outras regiões do Brasil. Logo, essa epidemia chamou atenção da Organização Mundial da Saúde (OMS), das Secretarias de Saúde Estaduais e Municipais do Brasil e da mídia global e nacional, justamente pela associação entre as malformações fetais na gestação e a infecção pelo Zika vírus (Zika) (COELHO *et al.*, 2018).

No cenário da saúde pública no Brasil com os avanços de pesquisas, em 2015 amostras foram enviadas e testadas pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC) o qual confirma a relação da infecção pela Zika vírus e o acometimento das anormalidades severas durante a formação do feto no útero, esse processo de contaminação do vírus no útero é conhecido como Síndrome Congênita do Zika (SCZ) e apresenta alguns traços fenotípicos como anormalidades cerebrais, osteo musculares, oculares e auditivas (MARQUES; TEIXEIRA; BARRA, 2018).

As investigações iniciais realizadas pela equipe do Programa de Treinamento em Epidemiologia Aplicada aos Serviços do Sistema Único de Saúde (EpiSus/SVS) juntamente a Opas/OMS evidenciaram que o Brasil estava enfrentando um problema grave. Em novembro de 2016 o Zika vírus foi identificado no líquido amniótico de gestantes, confirmando a correlação existente entre o diagnóstico de agravos como a microcefalia (CAVALVANTI, 2017), neste estado de epidemia a mídia nacional dedicou grande parte do seu espaço para tratar do assunto.

Com o crescimento substancial de nascidos com o quadro de microcefalia, no dia 11 de novembro de 2015 fez com que o Brasil declarasse estado de emergência na saúde pública e implementasse uma série de estratégias para o manejo dos quadros, desde às análises clínicas, ultrassonográficas e laboratoriais nas mães e nos recém nascidos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009). Tal medida está prevista em lei no Decreto Nº 7.616 de 17 de Novembro de 2011, permitindo ao governo organizar de forma unificada, com um enfoque sistemático e multissetorial as ações necessárias para gerir uma situação de emergência (BRASIL, 2011).

Mesmo o CDC confirmando a relação da Zika com a microcefalia o então Ministro da Saúde, no dia 14 de maio de 2015 realiza a seguinte fala:

O zika vírus não nos preocupa. Trata-se de uma doença benigna que tem uma evolução para cura. A febre é baixa, o maior incômodo é o prurido, manchas vermelhas. Requer muito pouco acesso dos pacientes ao prontos-socorros e serviços médicos. Toda a nossa preocupação é com a dengue, porque dengue mata (REDACÃO, 2015).

Com o passar dos meses, percebeu-se que a situação não era de fato essa, tratava-se de um agravo preocupante do qual a população era carente de informações por parte das autoridades sanitárias. Pouco se sabia sobre o tema e as mais diversas informações começaram a circular, causando forte preocupação na população. Os meios de comunicação que utilizam de algum modelo jornalístico sendo ele impresso, radiofônico ou televisivo acabaram sendo ferramentas de propagação de modo rápido e acessível (PRAZERES; LIMA; MACIEL, 2016).

No campo de estudo de comunicação de massa existe uma teoria que se chama “Agenda-Setting” ou teoria do agendamento. Consiste em compreender que a mídia pode dentro de um contexto, influenciar, manipular e construir narrativas alterando o contexto e principalmente na capacidade de produção de sentidos e significados (PENTEADO; FORTUNATO, 2015).

Kellner e Benedetti (2001) apresenta que estamos vivendo em uma época de intensas modificações, onde a maioria das teorias que se debruçam a analisar a sociedade apresentam limitações, dentre elas é que nenhuma “conta toda a história”, todas essas teorias são importantes por darem suas contribuições, entretanto, existem essas fragilidades.

O objetivo deste trabalho, é o de averiguar o destaque que o Zika vírus ocupou na mídia, dessa forma, teve o foco no jornal de veiculação nacional e televisivo “Jornal Nacional” (JN) da Rede Globo. Segundo a autora Born (2015) escolhe o Jornal Nacional para ser objeto do seu estudo por “está presente na maior parte das casas brasileira”, reforçando a ideia de análise do atual estudo em observar um veículo presente e com uma capacidade de influenciar o modo de como os telespectadores interpretam a informação. O Jornal Nacional da TV Globo conta com 57 anos de história (GRUPO GLOBO, 2022).

Compreendendo que esse trabalho soma-se ao movimento inicial do campo da Saúde Coletiva de oposição ao modelo biomédico, de concretude do debate acerca da importância de práticas de cuidado e de gestão de saúde, assim como à comunicação, informação e educação em saúde direcionado sobre princípios da integralidade, equidade e universalidade (BATISTA; GONÇALVES, 2011).

Enquanto bacharel em Saúde Coletiva este trabalho se justifica na emergente contestação dos paradigmas de saúde, em se comunicar, informar e educar em saúde pelo medo ou pelas dificuldades dos órgãos oficiais em oferecer em tempo oportuno, informações necessárias aos cidadãos dificultando a co-responsabilidade sobre sua saúde e comunidade. Além de reforçar a importância da Saúde Coletiva como sendo uma vertente para explicar os processos de saúde-doença pelas interações sociais, econômicas e o meio ambiente.

## **2 Objetivo**

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar as reportagens televisionadas e disponibilizadas eletronicamente no site do Jornal Nacional considerando a emergência em saúde pública no Brasil ocasionado pelo Zika vírus no período de novembro de 2015 a dezembro de 2016.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Acompanhar a cobertura jornalística sobre a microcefalia do período de 2015 a 2016;
- Construir um quadro do panorama apresentado pelo Jornal Nacional sobre a emergência do Zika vírus no Brasil no período de 2015 a 2016;
- Classificar as notícias encontradas com base no seu título, subtítulo e corpo do texto;
- Apresentar quais são as entidades mais presentes nas reportagens, assim como os estados mais citados no período de recorte deste trabalho.

### 3 Método

#### 3.1 Procedimentos

Utilizou-se da análise documental, retrospectivo e de abordagem qualitativa para realizar a análise dos principais pontos sobre o Zika vírus no JN de 2015 a 2016. Realizando busca no acervo eletrônico do telejornal, realizando as buscas pelos seguintes termos: “Zika” e “microcefalia”. Os estudos documentais caracterizam-se por recorrer a uma fonte de coleta de dados restrita a documentos, escritos ou não, podendo refletir sobre o momento do acontecimento do fato ou fenômeno, ou a posteriori (MARCONI; LAKATOS, 2010).

O interesse pelo JN é pelo seu poder de alcance da população independente de sua classe social, além de ser líder de audiência no seu horário de transmissão (CARVALHO, 2015).

O marco temporal a ser considerado neste estudo foi de novembro de 2015 a dezembro de 2016 refletindo o período de emergência que o Brasil passou sobre a infecção do Zika vírus.

Esse estudo teve seu desenvolvimento baseado na análise do conteúdo proposto por Bardin (1997), constitui-se em três momentos: primeiro constituiu-se de uma revisão da literatura sobre a temática (pré-análise); Segundo momento a busca pelos termos Zika e Microcefalia no site eletrônico do JN que viabilizou a construção de um quadro cuja finalidade é apresentar o contexto das matérias classificando-as sob o seu teor, nos seguintes critérios: informativo, alarmista e intimista (exploração do material); E no terceiro e último momento refletir acerca da comunicação em saúde e como as mídias podem contribuir para o enfrentamento das situações de emergência pública (tratamento dos resultados, inferência e interpretação) (BARDIN, 1977).

Realizou-se durante o decorrer do ano de 2021 uma revisão bibliográfica com objetivo de embasar as discussões sobre o Zika vírus e conseqüentemente ao *Aedes aegypti* e microcefalia dentro da fase da pré-análise do método de Bardin. Dessa maneira utilizou-se buscas no acervo da Scielo; Ministério da Saúde; Site do Congresso Nacional, assim como no próprio site do Jornal Nacional o G1. Os descritores utilizados: Zika vírus; Febre por Zika vírus; Zika; Microcefalia; e Mídia audiovisual.

Não foi necessária a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa por se tratar de dados secundários, disponibilizados na internet.

## 4 Referencial teórico

### 4.1 O Zika Vírus: o surgimento da epidemia

O Zika vírus pertence à família *Flaviridae* e ao gênero *Flavivirus*, agrupando-se aos outros arbovírus (dengue, vírus da febre-amarela e do Nilo Ocidental) (PINTO JUNIOR *et al.*, 2015).

O Zika vírus é transmitido por *Aedes aegypti* e que originalmente foi identificado na fêmea de macaco Rhesus febril na floresta Zika (por isso o seu nome), localizada na Uganda no dia 20 de abril de 1947. Esse vírus se relaciona ao vírus da febre-amarela e a dengue, todos transmitidos pelo mesmo vetor e que podem levar a febre hemorrágica (FAYE *et al.*, 2014).

Após realizar o isolamento de uma amostra de um macaco Rhesus que serviu de sentinela para os estudos em torno da vigilância da febre-amarela, foi possível avançar nos estudos de análises filogenéticas do genoma viral e identificar que o vírus Zika provavelmente tinha surgido nesta localidade por volta de 1920 e pelo processo de migração ao Oeste Africano iniciou-se duas linhagens africanas (CAMPOS; BANDEIRA; SARDI, 2015).

O vírus de Uganda, provavelmente, teria migrado na década de 1940 para Ásia, dando origem a mais uma linhagem “asiática”, e com surtos registrados na Indonésia e na Micronésia apontava uma epidemia. No Brasil os casos de transmissão recentemente estão relacionados a linhagem asiática (CAMPOS; BANDEIRA; SARDI, 2015).

No continente africano com os dados sorológicos e entomológicos identificaram infecções em diferentes regiões: Nigéria (1971 e 1975); Serra Leoa (1972); Gabão (1975); Uganda (1969 e 1970); República Centro-Africana (1979); Senegal (2011 e 2012) na Ásia: Paquistão, Malásia e Indonésia (1977 e 1978); Micronésia (2007) e no Camboja (2010) (FAYE *et al.*, 2014).

Na Micronésia foram registradas duas epidemias causadas pelo Zika, tornando-se o primeiro foco da doença fora da África e da Ásia (LANCIOTTI *et al.*, 2008). A doença se espalhou pelas ilhas do Oceano Pacífico, os primeiros casos registrados na Polinésia Francesa ocorreram em outubro de 2013 observou uma epidemia pela sua dimensão (CAO-LORMEAU *et al.*, 2014). Em fevereiro de 2014 casos da doença foram identificados na Ilha de Páscoa (primeira vez na América) e em 2015 foi confirmada a presença do vírus no nordeste brasileiro (CAMPOS; BANDEIRA; SARDI, 2015).

No Brasil até março de 2015 nunca tinha sido registrado nenhum caso de Zika vírus, porém, entre abril e novembro de 2015, dezoito estados apontaram casos autóctones de Zika vírus. Outro fator que chamou atenção da OMS e do Ministério da Saúde (MS) foi logo após os casos de Zika, o aumento dos casos de microcefalia (ORGANIZATION, 2016).

Utilizando-se de métodos moleculares confirmaram os primeiros casos no Brasil foram confirmados em 2015 na Bahia, São Paulo, Rio Grande do Norte, Alagoas, Maranhão, Pará e Rio de Janeiro demonstrando a alta capacidade de dispersão do Zika (CAMPOS; BANDEIRA; SARDI, 2015). No período de 2008 a 2019 no Brasil foram notificados 11,6 milhões de casos de dengue, chikungunya e zika e neste período foram identificado 7.043 óbitos por essas doenças (SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE - MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

#### 4.1.1 Transmissão do Zika Vírus

A transmissão clássica do Zika vírus é realizada por meio da picada do mosquito do gênero *Aedes aegypti*, sendo que este artrópode encontra-se em grande circulação em zonas tropicais, subtropicais e temperadas o que possibilita enormes contingentes de indivíduos suscetíveis (GRARD *et al.*, 2014).

Evidências de Zika foram identificadas no soro, saliva, urina, sêmen e leite materno (OLIVEIRA *et al.*, 2018), sendo que por relações sexuais apesar de escassas discussões, existem trabalhos que detectaram uma carga de RNA de Zika vírus alta e de Zika replicativo em amostras de sêmen (MUSSO *et al.*, 2015).

A transmissão perinatal de arbovírus, observada em 2016, foi identificada no líquido amniótico, com manifestação de anormalidades no sistema nervoso de dois fetos, caracterizada como consequências graves, evidência da transmissão vertical. Também foram relatadas as malformações em bebês que foram expostos ao Zika vírus durante a gestação (OLIVEIRA *et al.*, 2018; MELO *et al.*, 2016). Dentre as várias possibilidades de transmissão perinatal, Besnard *et al.* (2014) apresentaram que estaria envolvida ao processo transplacentário durante o parto, podendo ocorrer durante a amamentação e contato pele a pele.

## 4.2 Vigilância em Saúde

No Brasil as arboviroses ganham um papel de destaque como relevante problema de saúde pública, no que tange a sua magnitude e transcendência. Dentre as arboviroses as doenças reemergentes preocupam as autoridades sanitárias, como a dengue reintroduzida no Brasil na década de 1980, febre chikungunya, vírus zika e a febre amarela (FIGUEIREDO, 2015)

Figueiredo (2015) apresenta que as emergências e reemergências de arboviroses são vistas como fenômenos naturais da evolução e adaptação das espécies. E que fatores como mudanças climáticas, migração populacional, ocupação desordenada de áreas urbanas, precaridades sanitárias propiciam e amplificam a transmissão vertical.

Segundo a Política Nacional de Vigilância em Saúde (PNVS) instituída em 12 de junho de 2019 estabelece os pontos norteadores do planejamento das ações de vigilância em saúde nas esferas de gestão do SUS e define as responsabilidades, princípios, diretrizes e estratégias, assim estabelece a vigilância em saúde como:

Entende-se por Vigilância em Saúde o processo contínuo e sistemático de coleta, consolidação, análise de dados e disseminação de informações sobre eventos relacionados à saúde, visando o planejamento e a implementação de medidas de saúde pública, incluindo a regulação, intervenção e atuação em condicionantes e determinantes da saúde, para a proteção e promoção da saúde da população, prevenção e controle de riscos, agravos e doenças (BRASIL, 2018)

Alguns autores vão considerar a vigilância como sendo parte do se fazer saúde, como Campos (2003) que apresenta que essa ferramenta é um modelo capaz de analisar os condicionantes e determinantes de saúde de maneira integrada, considerando pontos como a territorialidade nos quais permite uma imersão territorial possibilitando a construção de estratégias de superação dos problemas de saúde a partir da ampliação das tecnologias em saúde e da rede intersetorial. Lima (2019) endossa a discussão sobre a importância da vigilância em saúde, trazendo elementos de como pode ser usada na prevenção do risco do adoecimento, do controle de doenças, de ferramenta importante para Atenção Básica e na própria condução da política de saúde do país.

Campos (2003) aponta que a vigilância em saúde propõe aos agentes sociais a responsabilidade de definição nos processos de busca das soluções dos problemas encontrados e que o objetivo final da vigilância são os indivíduos, considerando estes, como parte de uma família, comunidade, sistema social e ambiente. Dessa forma, toda e qualquer ação em saúde precisa incidir sobre este conjunto, pois, “um indivíduo não existe sozinho, isolado” e em uma premissa básica ao se buscar melhorar as condições de saúde, qualidade de vida, promoção de saúde de um indivíduo necessariamente é preciso que este processo aconteça no contexto que ele se insere, no espaço no qual ele vive.

### **4.3 Comunicação em Saúde**

Mendonça (2021) relata que é preciso que os gestores do SUS amplie seu olhar sobre as práticas desenvolvidas em torno da comunicação em Saúde e que encare o problema realizando o resgate da comunicação em todas as esferas. Apresenta três dimensões importantes para o debate, sendo: a institucional, a comunitária e a midiática. Sendo a institucional realizar uma readequação apresentando o valor de cada instituição sanitária, por mais que essas “por vezes desmaterializadas” por serem constantemente “atacadas” pela mídia. Na dimensão comunitária é necessário adequar o discurso sanitário à sociedade atual que tem acesso ao mundo digital com uma maior facilidade e a informação chega através de celulares em grupos de WhatsApp. A dimensão midiática partindo de uma comunicação empática e estratégica, principalmente em relação às necessidades de fala x consumo de mensagem para que essas façam sentido para quem as ouvem.



As matérias são estritamente factuais – que aqui quer dizer avançar pouco na contextualização– ou, quando muito, avançam um pouco mais e trazem uma contextualização simplista, lançando mão de uma ou outra fonte e de um ou outro dado. Matérias explicativas, com mais fontes, dados estatísticos contextualizando o problema e as legislações que trazem o marco legal da questão são mais raras e fazem falta quando queremos agendar com qualidade as pautas da saúde (SANTOS, 2006).

Como podemos observar na citação da Santos (2006) permite compreender as dimensões que a autora Mendonça (2021) nos lembra que é preciso realizar um resgate. Em uma situação de emergência da saúde pública a comunicação se enquadra no que definiram de “comunicação de risco” e para tal é preciso pensar sempre quem são os sujeitos que irão receber essas informações. E estão imbricadas neste processo as “vulnerabilidades, desigualdades, pobreza, analfabetismo e outros males da sociedade” (MENDONÇA, 2021).

#### 4.3.1 A política de comunicação em saúde para o SUS

A saúde ainda é preferencialmente tratada como a ausência de doenças, as políticas públicas não ocupam o lugar de destaque que poderiam ocupar e os instrumentos jornalísticos para o aprofundamento conceitual do material veiculado ainda são pouco utilizados (SANTOS, 2006).

No cenário de escassas informações a respeito da Zika é necessário volta-se ao centro e analisar práticas enraizadas na Saúde Pública (ou da antiga Saúde Pública, se o positivismo nos permitir) mas é de responsabilização da vítima sobre sua saúde e no que lhe concerne, eximindo a responsabilidade do Estado em favorecer estratégias de enfrentamento, possibilidades de territórios sanitários positivos e principalmente de ser o interlocutor dos serviços de saúde e a comunidade (AGUIAR; ARAUJO, 2016).

Um grande obstáculo, portanto, é fazer com que os próprios sujeitos transcendam uma visão individual de saúde – baseada na doença e nas suas iniciativas individuais para combatê-la – para entender as questões de saúde como relativas a todo o corpo coletivo (indo desde as condições ambientais do local onde se vive até as condições globais que afetam suas condições mais gerais) (SANTOS, 2006).

Todo esse cenário do Estado em se colocar numa posição aquém lhe é cabível, do fortalecimento de uma postura de saúde ser considerado ausência de doença, a mídia assume uma postura de escolher o que irá noticiar e nesta prática acaba reforçando velhas práticas da Saúde Pública e do imaginário da população (AGUIAR; ARAUJO, 2016).

Existe uma análise que as autoras Aguiar e Araujo (2016) realizaram sendo importante trazer para o centro do debate que discorre sobre a equidade de saúde, que considera a possibilidade de todos os indivíduos alcançarem um estado de saúde (positivo) dessa forma todos estariam nivelados com a justa oportunidade.

Falar de saúde na mídia é também falar de uma profunda desigualdade nos acessos aos meios de comunicação e, por consequência, de iniquidade em saúde (SANTOS, 2006).

Isso porque o drama da microcefalia atingiu principalmente indivíduos negligenciados por diversos setores da sociedade. E no cenário inicial da emergência pública, muitas

mulheres ainda se perguntavam se tinham comido, feito algo durante a gestão para o desfecho de sua gestação (AGUIAR; ARAUJO, 2016).

#### 4.4 A relação entre Mídia e Saúde

Saúde é mercadoria – As tentativas de apropriação do conceito de saúde obedecem a uma finalidade quase-única: a comercialização. O conceito de saúde, não demorou muito a perceber, é sempre lucrativo, em diversos graus. Uma das ideias mais fortes acerca da saúde na TV está firmemente vinculada ao fato de que a principal relação é a de compra e venda, isto é, de que é possível – e necessário, e natural – comprar e vender saúde. Esse aspecto é mais visível, sobretudo, nos programas que envolvem merchandising e marketing (XAVIER, 2006).

Villela e Natal (2009) apresentam que a mídia tem um papel fundamental de ser um veículo de informações de saúde, as significações da extensão de um processo epidêmico também é influenciado em como ela realiza o agendamento de suas pautas. Dessa forma cabe recorrer as autoras Aguiar e Araujo (2016) que realizam as seguintes algumas perguntas para favorecer um debate ampliado:

a mídia apenas reflete a ausência de equidade que se verifica na saúde? Ou em seus dispositivos acentua e amplia a desigualdade social, ao simbolicamente associar a doença a uma presumível ignorância? A exposição da tragédia e de suas vítimas poderia contribuir de algum modo para a minimização das iniquidades sociais? A visibilidade das capas de jornais interessa aos visibilizados? Produz algum efeito em suas vidas? A quem ou a que serve esse dispositivo midiático? (AGUIAR; ARAUJO, 2016).

França, Abreu e Siqueira (2004) relata que as notícias possibilitam o esclarecimento popular, entretanto, podem também levar a confusão e alarmismo. Assim como vários autores já contribuem, as informações ali prestadas por esse meio permitem o desenvolvimento pessoal, uma vez que possibilita o indivíduo a escolha consciente sobre seus processos de cuidado ou de manipulação oferecendo informações limitadas e carregas por um juízo de valor.

É igualmente reconhecido que a comunicação – saberes, práticas e processos – é um dos mais importantes instrumentos de realização do ideal da autonomia cidadã em relação à saúde (SANTOS, 2006).

Visualizando a extensão que a mídia reproduz na saúde da população é questionável porque elas não são objetos de estudos em questões relacionadas à saúde (VILLELA; NATAL, 2009), principalmente em questões epidêmicas.

#### 4.5 O telejornalismo e sua função social

Uma das premissas do jornalismo é atender a sociedade por meio de notícias veiculadas pelos mais diversos meios de comunicação. Isso inclui o jornalismo de televisão, um tipo especial de jornalismo que fala com elementos de texto, som e imagens. Assim, diante da tela – hoje, em uma cena de fusão e movimento – o noticiário televisivo emerge

na vida dos sujeitos sociais através de eventos e suas representações para o público (CAJAZEIRA; SOUZA, 2020).

Coutinho e Mata (2010), apresentam que o telejornalismo é o “*principal meio de informação dos brasileiros*” cumprem uma função pública ao noticiar as desigualdades marcadas na sociedade brasileira, sendo ela marcada pelas desigualdades no acesso a bens e direitos essenciais. Endossa essa discussão o autor Wolton (1996) que indica que a TV é uma atividade tão importante que se iguala ao voto nas sociedades democráticas, no que tange a participação coletiva, visto que passaria constantemente por uma eleição por parte do público ao estabelecer audiência para determinados formatos de programas. Assim, se constrói por parte dos profissionais os enquadramentos da realidade, de acordo com uma visão de mundo que se comunica com o público para construção de uma realidade individual ora coletiva.

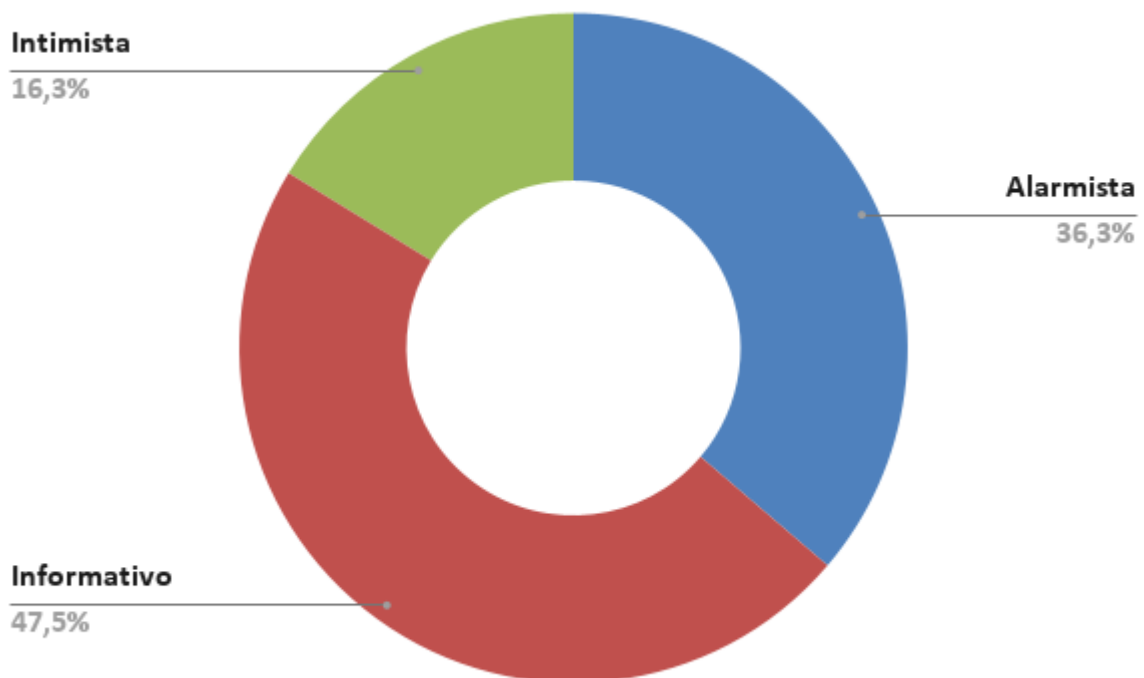
Kucinski (2000) realiza uma discussão sobre o papel social do jornalismo com a ética e verdade que distingue das demais ações comunicativas, visto que o jornalismo estabelece um padrão de qualidade advindo das democracias pós-industriais e neste processo a busca pela verdade se materializa enquanto um valor ético. Dessa maneira, não é correto uma ação jornalística que se distancie ou suprima a verdade. Se aproxima dos preceitos de Kant a uma ética transcendental que não importa a consequência da verdade.

## 5 Resultados e Discussões

### 5.1 Cobertura jornalística sobre a microcefalia do período de 2015 a 2016

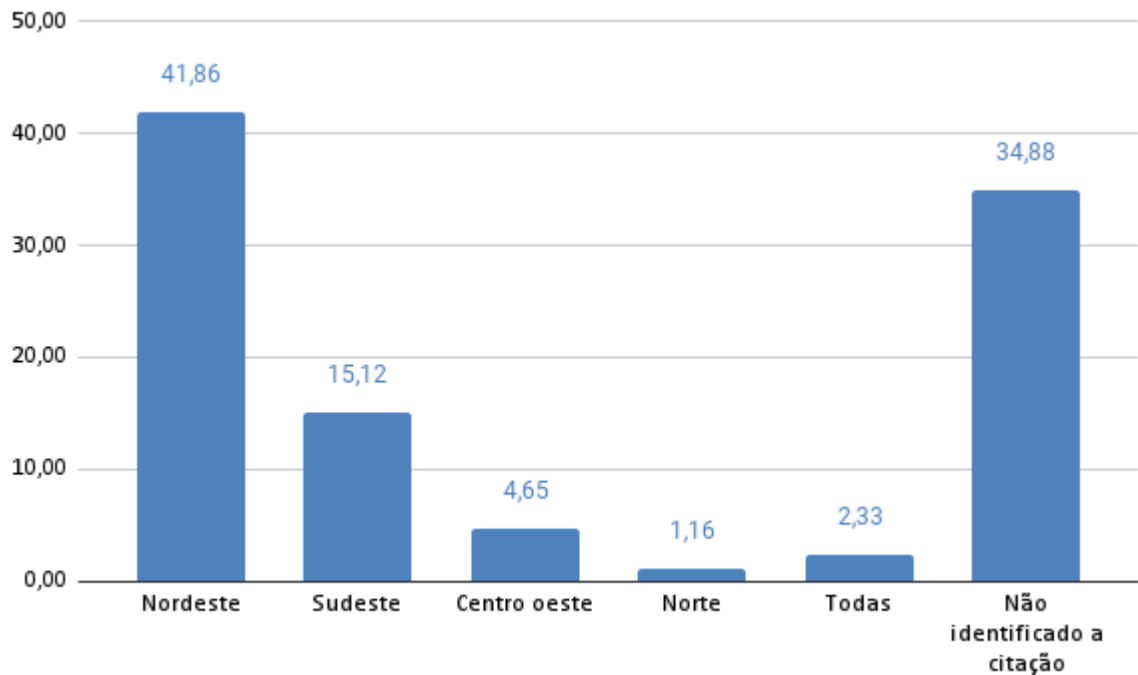
Ao todo foram analisadas 81 entrevistas veiculadas pelo Jornal Nacional, no gráfico a seguir é possível compreender melhor a disposição da primeira análise sobre o perfil das entrevistas:

**Figura 1 – Perfil das reportagens veiculadas entre 2015-2016 pelo Jornal Nacional**



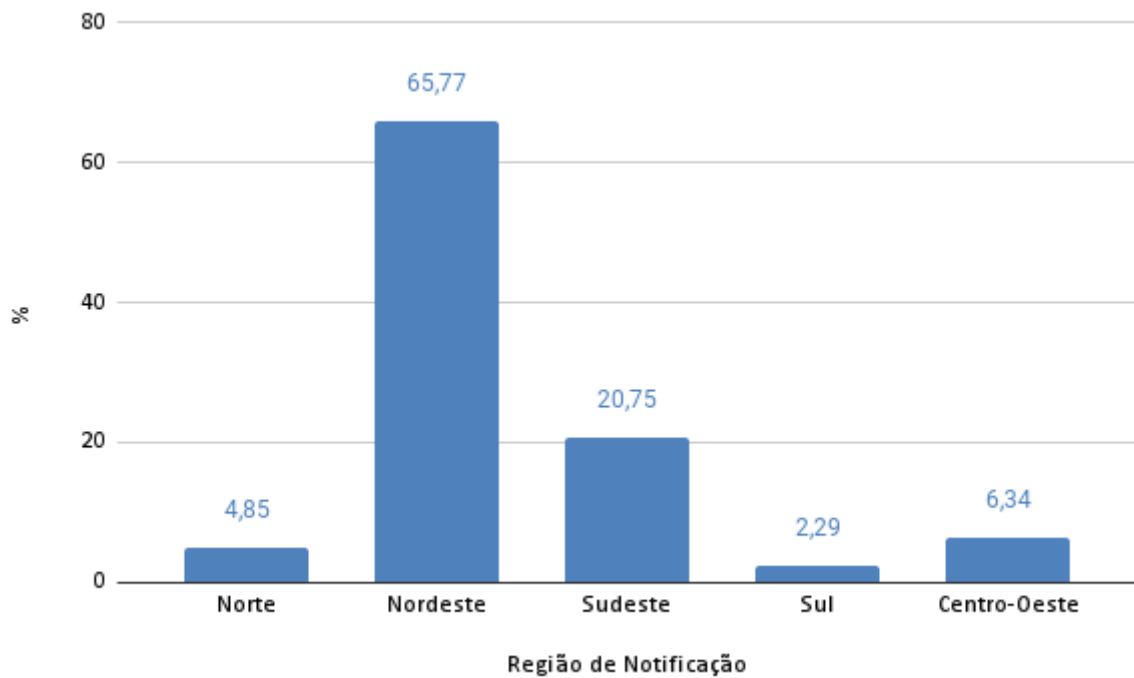
Como pode-se observar o Jornal Nacional uma mídia de grande repercussão no Brasil ainda mantém a responsabilidade de apresentar a informação no intuito de informar grande parte da população, esse tipo de reportagens configurou 46,91%. Chama atenção que as reportagens alarmistas consideradas aquelas cuja intenção é formar um pensamento coletivo representou 36,3% e as reportagens intimistas representaram 16,05%.

Neste processo de análise das reportagens a segunda análise realizada foram das regiões mais citadas nas reportagens, o gráfico a seguir demonstra essa questão:

**Figura 2 – Regiões mais citadas nas reportagens veiculadas entre 2015-2016 pelo Jornal Nacional**

A região com a maior concentração de reportagens foi o nordeste com 41,86%, seguidos das regiões Sudeste (15,12%), Centro-Oeste (4,65%), Norte (1,16%), todas as regiões citadas (2,33) e não foi possível identificar ou não teve uma região especificamente apontada (34,88%). O Nordeste neste mesmo período concentrou também o maior número de notificação de casos suspeitos e confirmados de Microcefalia, como podemos acompanhar no gráfico a seguir:

**Figura 3 – Frequência do Registro de Eventos em Saúde Pública - Microcefalia - Segundo Região de Notificação no período 2015-2016**



Ministério da Saúde/SVS - REGISTRO DE EVENTOS EM SAÚDE PÚBLICA (RESP-Microcefalia)

As maiores frequências concentraram-se no Nordeste (65,77%) e Sudeste (20,75), cabe salientar que seria necessário outros estudos complementares para incidir em questões que envolvesse os porquês de uma maior frequência nessas regiões, alguns estudos apontam para fragilidades em alguns componentes como: territórios sanitários mal organizados, saneamento, educação, higiene, organização da rede assistencial, principalmente, o pré-natal.

Em números absolutos da frequência de notificação segundo região durante o período de 2015-2016 no Brasil, a seguinte tabela apresenta esses valores:

**Tabela 1 – Frequência segundo Região de Notificação de Microcefalia no período de 2015-2016**

Região de Notificação	Frequência	%
Norte	616	4,85

<b>Região de Notificação</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>
Nordeste	8.362	65,77
Sudeste	2.638	20,75
Sul	291	2,29
Centro-Oeste	806	6,34
Total	12.713	100

## **5.2 Panorama das entrevistas sobre Zika Vírus pelo Jornal Nacional**

O seguinte quadro visa apresentar o perfil das reportagens a respeito da cobertura dada pelo JN sobre o Zika vírus e Microcefalia, classificando sobre o seu teor ao informar os fatos se existia um contexto voltado a informar (categoria “informativo” na qual mostra uma postura em trazer as informações para as pessoas), alarmar (categoria “alarmista” na qual visa construir uma opinião pública) ou intimista (categoria “intimista” na qual ainda se tinha pouca informação sobre o objeto apresentado):

**Tabela 2 – Quadro do panorama apresentado pelo Jornal Nacional sobre a emergência do Zika vírus no Brasil no período de 2015 a 2016**

<b>Título da reportagem</b>	<b>Subtítulo</b>	<b>Data</b>	<b>Link</b>	<b>Qual o tom da reportagem?</b>
Força-tarefa investiga o aumento de casos de microcefalia em PE	Governo decretou estado de emergência em saúde. Doença é malformação congênita em que cérebro do bebê não se desenvolve adequadamente.	12/11/2015	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/forca-tarefa-investiga-o-aumento-de-casos-de-microcefalia-em-pe.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/forca-tarefa-investiga-o-aumento-de-casos-de-microcefalia-em-pe.html</a>	Informativo
Instituto confirma primeira morte por zika vírus no Brasil	Vítima é do Maranhão e tinha lúpus, doença que afeta o sistema imunológico. Instituto Evandro Chagas confirmou a primeira morte por zika.	27/11/2015	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/instituto-confirma-primeira-morte-por-zika-virus-no-brasil.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/11/instituto-confirma-primeira-morte-por-zika-virus-no-brasil.html</a>	informativo



<b>Título da reportagem</b>	<b>Subtítulo</b>	<b>Data</b>	<b>Link</b>	<b>Qual o tom da reportagem?</b>
Casos suspeitos de microcefalia aumentam mais em uma semana	Até sábado (19), o Ministério da Saúde registrou 2.782 mil casos suspeitos de microcefalia em 19 estados e no DF, 381 a mais que na semana anterior.	22/12/2015	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/casos-suspeitos-de-microcefalia-aumentam-mais-em-uma-semana.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/12/casos-suspeitos-de-microcefalia-aumentam-mais-em-uma-semana.html</a>	informativo
Agência da ONU recomenda aborto para conter casos de microcefalia	O Centro de Controle de Doenças dos EUA se concentrou durante toda esta semana em alertar a transmissão do zika vírus por relação sexual.	05/02/2016	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/agencia-da-onu-recomenda-aborto-para-conter-casos-de-microcefalia.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/agencia-da-onu-recomenda-aborto-para-conter-casos-de-microcefalia.html</a>	informativo
Pesquisadores formam força-tarefa para desvendar o vírus da zika	Eles querem descobrir se o vírus da zika, que tem preocupado o mundo, passou por mutações. Pesquisadores são da USP, Unesp e Unicamp.	08/02/2016	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/pesquisadores-formam-forca-tarefa-para-desvendar-o-virus-da-zika.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/pesquisadores-formam-forca-tarefa-para-desvendar-o-virus-da-zika.html</a>	informativo

<b>Título da reportagem</b>	<b>Subtítulo</b>	<b>Data</b>	<b>Link</b>	<b>Qual o tom da reportagem?</b>
Estudo internacional reforça ligação entre microcefalia e vírus da zika	Pesquisa foi feita em Liubiana, capital da Eslovênia e publicada pela revista científica americana The New England Journal Of Medicine.	11/02/2016	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/estudo-internacional-reforca-ligacao-entre-microcefalia-e-virus-da-zika.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/estudo-internacional-reforca-ligacao-entre-microcefalia-e-virus-da-zika.html</a>	alarmista
Vacina contra o vírus da zika pode começar a ser testada em um ano	Pesquisadores do Instituto Evandro Chagas, no Pará, e da Universidade do Texas, nos Estados Unidos, vão trabalhar juntos para desenvolver a vacina.	13/02/2016	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/vacina-contra-o-virus-da-zika-pode-comecar-ser-testada-em-um-ano.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/vacina-contra-o-virus-da-zika-pode-comecar-ser-testada-em-um-ano.html</a>	informativo
Descoberta abre caminho para novas investigações sobre o vírus da zika	Pesquisadores encontraram o vírus em cérebros de bebês que morreram depois do parto. Cientistas lembram que nem toda grávida com zika vai transmitir o vírus para a criança.	15/02/2016	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/descoberta-abre-caminho-para-novas-investigacoes-sobre-o-virus-da-zika.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/descoberta-abre-caminho-para-novas-investigacoes-sobre-o-virus-da-zika.html</a>	informativo

<b>Título da reportagem</b>	<b>Subtítulo</b>	<b>Data</b>	<b>Link</b>	<b>Qual o tom da reportagem?</b>
Cientistas fazem mapeamento genético completo do vírus da zika	Mapeamento foi feito em laboratório da Fiocruz. Eles descobriram semelhanças com outras doenças que podem ser combatidas com vacinas.	18/02/2016	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/cientistas-brasileiros-decifram-o-dna-completo-do-virus-da-zika.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/cientistas-brasileiros-decifram-o-dna-completo-do-virus-da-zika.html</a>	informativo
Exame para confirmar zika não é coberto por vários planos de saúde	Operadoras têm que cobrir exames pra diagnóstico de dengue e chikungunya, mas testes de zika não são obrigatórios, segundo a ANS.	19/02/2016	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/exame-para-confirmar-zika-nao-e-coberto-por-varios-planos-de-saude.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/exame-para-confirmar-zika-nao-e-coberto-por-varios-planos-de-saude.html</a>	alarmista
OMS divulga recomendações para o diagnóstico da microcefalia	Preocupação com o vírus da zika levou a Organização Mundial da Saúde a divulgar uma cartilha que padroniza o diagnóstico da microcefalia.	25/02/2016	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/oms-divulga-recomendacoes-para-o-diagnostico-da-microcefalia.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/oms-divulga-recomendacoes-para-o-diagnostico-da-microcefalia.html</a>	informativo
Estoques dos bancos de sangue estão com nível baixo pelo país	Vírus da zika, da dengue e da chikungunya impediu muita gente de doar. No Recife, o estoque de quase todos os tipos de sangue está pela metade.	26/02/2016	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/estoques-dos-bancos-de-sangue-estao-com-nivel-baixo-pelo-pais.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/estoques-dos-bancos-de-sangue-estao-com-nivel-baixo-pelo-pais.html</a>	alarmista
Mães de bebês com microcefalia criam grupo de ajuda no Recife	Elas criaram um grupo batizado de UMA: União das Mães de Anjos.	27/02/2016	<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/maes-de-bebes-com-microcefalia-criam-grupo-de-ajuda-no-recife.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/maes-de-bebes-com-microcefalia-criam-grupo-de-ajuda-no-recife.html</a>	alarmista
	Descoberta dos pesquisadores do Laboratório		<a href="http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/maes-de-bebes-com-microcefalia-criam-grupo-de-ajuda-no-recife.html">http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/02/maes-de-bebes-com-microcefalia-criam-grupo-de-ajuda-no-recife.html</a>	

### 5.3 Entidades presentes nas reportagens

E na última análise proposta neste trabalho, é identificar quais são as entidades mais citadas nas reportagens, a tabela a seguir visa apresentar essa informação:

**Tabela 3 – Entidades mais citadas nas reportagens veiculadas entre 2015-2016 pelo Jornal Nacional**

<b>FACULDADES NACIONAIS</b>		
<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>Nº ABSOLUTO</b>	<b>FREQUÊNCIA (%)</b>
UFPA	1	4,76
UFRJ	6	28,57
FAMERP	1	4,76
USP	5	23,80
UFPE	1	4,76
UFF	1	4,76
UNIFESP	1	4,76
UNIRIO	1	4,76
UNESP	1	4,76
UNICAMP	3	14,28
<b>FACULDADES INTERNACIONAIS</b>		
Universidade Boston/EUA	1	33,33
Universidade do Texas	1	33,33
Universidade Israel	1	33,33
<b>FUNDAÇÕES</b>		
Fiocruz	18	51,42

<b>FACULDADES NACIONAIS</b>		
Fundação Pró Saúde	1	2,85
HemoMinas	1	2,85
Inst. Prof Joaquim Amorim Neto	1	2,85
Instituto Butantan	1	2,85
Instituto D'or	4	11,42
Instituto Pasteur de Dakar	1	2,85
Instituto Evandro Chagas - Pará	6	17,14
Sociedade Brasileira de Dermatologia	1	2,85
Instituto de Pesquisa e Planejamento	1	2,85
<b>ORGANIZAÇÕES INTERGOVERNAMENTAIS</b>		
OMS	13	27,08
MS	27	56,25
ONU	1	2,08
UNICEF	1	2,08
CDC EUA	6	12,5
<b>HOSPITAIS e LABORATÓRIOS</b>		
Hospital da Restauração do Recife	2	33,33
Hospital Universitário Antônio Pedro	1	16,66
Hospital Universitário Oswaldo Cruz	1	16,66
Hospital Albert Einstein	1	16,66
Laboratório Nacional de Biociência	1	16,66

Quando observa-se a tabela pode se concluir o quanto é necessário o acúmulo de várias intuições sobre a mesma doença no processo de educação e informação a saúde, sendo necessário a inclusão de achados sobre o mesmo objeto, destacam-se as instituições de ensino do Rio de Janeiro e São Paulo com desenvolvimento de pesquisa sobre o tema ou outra questão possível ainda está em privilegiar estudos de instituições mais antigas que estudam o campo da saúde pública. Dentre as fundações a Fiocruz se estabelece como a principal instituição pesquisando e se aprofundando sobre a temática. Nas organizações Intergovernamentais nacionais e internacionais o Ministério da Saúde ainda é uma das principais fontes veiculadas neste período, sendo citado 56,25%, acompanhado por 27,08%

da OMS. E os hospitais e laboratórios também apontaram alguns achados, ao todo foram 5 instituições, além de oferecer a assistência necessária.

## 6 Considerações Finais

Neste trabalho pode-se observar a importância de componentes como vigilância, comunicação, informação em saúde, mídia podem interagir para construir uma ferramenta de estratégia de alcance da cidadania a nós brasileiros. No desenvolvimento da implementação da vigilância em saúde sobre Zika Vírus oferecia informação para população de como se proteger, onde e quais serviços buscar, sinais e sintomas de saúde.

Aponta-se também mesmo que de maneira tímida a importância de organizar os serviços de saúde para melhor atender às emergentes situações que atinge a saúde pública, então é preciso que aconteça sempre o processo de qualificação dos trabalhadores e trabalhadoras do SUS para que as informações prestadas nos sistemas de informações de saúde sejam os mais qualificados, para permitir a tomada de decisão sobre os agravos acometidos a população.

Um dos aspectos que remetem aos primórdios da saúde pública consiste no fato de contar o número de pessoas atingidas por uma determinada doença ou condição, porém com o avanço tecnológico e de acesso à informação apenas informar números de pessoas doente não transforma realidade e nem permite que os agentes sociais possam interferir sobre o assunto, é necessário construir uma agenda política que ofereça meios para que os cidadãos possam passar por esses períodos de crises com dignidade, financiamento necessário para gestão e assistência da crise e também para o desenvolvimento de pesquisa.

É preciso que instituições científicas e autoridades favoreçam a discussão e aproximação da temática sobre a comunicação em saúde, para melhor atender os anseios da população que em tempos de calamidade na saúde pública anseia por conhecimento a respeito de determinado evento. Enquanto bacharel em Saúde Coletiva refletir sobre os determinantes sociais em saúde sempre será necessário ao se falar em Saúde Pública e emergências sanitárias. Salienta-se que é importante o desenvolvimento de novos estudos que agreguem outros pontos de vista sobre saúde e mídia.

## Referências

- AGUIAR, R.; ARAUJO, I. S. A mídia em meio às ‘emergências’ do vírus Zika: questões para o campo da comunicação e saúde. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Fundação Oswaldo Cruz. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde., Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1 – 15, jan-mar. 2016. ISSN 19816278. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/16952/2/5.pdf>. Acesso em: 18/09/2021.
- BARDIN, L. **Análise do conteúdo**. 1ª. ed. Lisboa: Edições 70, 1977. 288 p. Acesso em: 17/06/2022.
- BATISTA, K. B. C.; GONÇALVES, O. S. J. A formação para o SUS: abrindo caminhos para a produção do comum. **Saúde Sociedade**, v. 20, n. 4, p. 884 – 899, mar 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/9QMxSsmqMcqQPjXP9fbthCn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25/10/2021.
- BESNARD, M. *et al.* Evidence of perinatal transmission of Zika virus, French Polynesia, December 2013 and February 2014. **Eurosurveillance**, v. 19, n. 13, p. 1 – 4, mar-abr 2014. Disponível em: <https://www.eurosurveillance.org/docserver/fulltext/eurosurveillance/19/13/art20751-en.pdf?expires=1633964958&id=id&accname=guest&checksum=48AC4EA8A242F49EE28D3B3035593F2D>. Acesso em: 04/09/2021.
- BORN, V. **A construção noticiosa do Jornal Nacional da Rede Globo: uma análise de agendamento temático e valores-notícia**. 2015. 57 p. Monografia (Jornalismo) — Universidade de Passo Fundo. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle/riupf/752>. Acesso em: 17/06/2022.
- BRASIL. DECRETO Nº 7.616, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011. **Dispõe sobre a declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional - ESPIN e institui a Força Nacional do Sistema Único de Saúde - FN-SUS.**, Brasília, nov. 2011. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7616.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7616.htm). Acesso em: 18/09/2021.
- BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 588, DE 12 DE JULHO DE 2018. **Institui a Política Nacional de Vigilância em Saúde**, p. 1 – 15, jul 2018. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2018/Reso588.pdf>. Acesso em: 24/04/2022.
- CAJAZEIRA, P. E. S. L.; SOUZA, J. J. G. de. TELEJORNALISMO, TRABALHO E SAÚDE NA COBERTURADA PANDEMIA DA COVID-19. **Revista Dispositiva**, v. 9, n. 16, p. 68 – 86, ago - dez 2020. Acesso em: 31/03/2022.
- CAMPOS, C. E. A. O desafio da integralidade segundo as perspectivas da vigilância da saúde e da saúde da família. **Ciências & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 569 – 584, dez - jan 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/kKSVP8p46sNFLPG43Pfbf8B/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24/04/2022.
- CAMPOS, G. S.; BANDEIRA, A. C.; SARDI, S. I. Zika virus outbreak, Bahia, Brazil. **Emerging infectious diseases**, Salvador, v. 21, n. 10, p. 1885 – 1886, Out. 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4593454/>. Acesso em: 04/09/2021.



CAO-LORMEAU, V. *et al.* Zika Virus, French Polynesia, South Pacific, 2013. **Emerging infectious diseases**, v. 20, n. 6, p. 1085 – 1086, jun 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4036769/>. Acesso em: 04/09/2021.

CARVALHO, F. C. de. **Mídia e Eleições: as entrevistas do Jornal Nacional aos candidatos à presidência do Brasil em 2014**. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/21736/16564>. Acesso em: 25/04/2022.

CAVALVANTI, A. L. Challenges of dental care for children with microcephaly carrying Zika congenital syndrome. **Contemporary clinical dentistry**, v. 8, n. 3, p. 345 – 346, set. 2017. Disponível em: <https://www.contempclindent.org/article.asp?issn=0976-237X;year=2017;volume=8;issue=3;spage=345;epage=346;aulast=Cavalcanti>. Acesso em: 18/09/2021.

COELHO, K. E. F. A. *et al.* Congenital Zika syndrome phenotype in a child born in Brazil in December 2011. **Clinical Case Reports**, v. 6, n. 11, p. 2053 – 2056, nov. 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6230596/>. Acesso em: 18/09/2021.

COUTINHO, I.; MATA, J. Telejornalismo a serviço do público: a voz do povo em cena\*. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 65 – 73, jan - abr 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6881/5011>. Acesso em: 31/03/2022.

FAYE, O. *et al.* Molecular evolution of Zika virus during its emergence in the 20th century. **PLOS Neglected Tropical Diseases**, Brian Bird, Centers for Disease Control and Prevention, United States of America, v. 8, n. 1, jan 2014. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosntds/article?id=10.1371/journal.pntd.0002636>. Acesso em: 04/09/2021.

FIGUEIREDO, L. T. M. The recent arbovirus disease epidemic in Brazil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 233 – 234, mai. - jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/YfjxCLVgmtDVxcz9K8cDQhk/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 24/04/2022.

FRANÇA, E.; ABREU, D.; SIQUEIRA, M. Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1334 – 1341, set-out 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/K4zGYrqHVhQZjkDbD9345Vw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18/09/2021.

GARCIA, L. P. Epidemia do vírus Zika e microcefalia no Brasil: Emergência, evolução e enfrentamento. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Brasília, n. 2368, p. 1 – 63, fev. 2018. Disponível em: [https://www.econstor.eu/bitstream/10419/177584/1/td\\_2368.pdf](https://www.econstor.eu/bitstream/10419/177584/1/td_2368.pdf). Acesso em: 18/09/2021.

GRARD, G. *et al.* Zika virus in Gabon (Central Africa)–2007: a new threat from *Aedes albopictus*? **PLOS Neglected Tropical Diseases**, v. 8, n. 2, fev 2014. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosntds/article?id=10.1371/journal.pntd.0002681>. Acesso em: 04/09/2021.

GRUPO GLOBO. **Grupo Globo: 1925 a 1964**. 2022. Disponível em: <https://historia.globo.com/historia-grupo-globo/1925-1964/>. Acesso em: 17/06/2022.

KELLNER, D.; BENEDETTI tradução de I. C. **Cultura da mídia–estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001. 454 p.

ISBN 8574600733. Disponível em: [https://ufabcpoliticacultural.files.wordpress.com/2015/08/kellner\\_a-cultura-da-mc3addia\\_2001.pdf](https://ufabcpoliticacultural.files.wordpress.com/2015/08/kellner_a-cultura-da-mc3addia_2001.pdf). Acesso em: 25/10/2021.

KUCINSKI, B. Jornalismo, saúde e cidadania. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 6, p. 181 – 186, fev 2000. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/icse/2000.v4n6/181-186/pt>. Acesso em: 31/03/2022.

LANCIOTTI, R. S. *et al.* Genetic and Serologic Properties of Zika Virus Associated with an Epidemic, Yap State, Micronesia, 2007. **Emerging infectious diseases**, v. 14, n. 8, p. 1232 – 1239, ago 2008. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2600394/>. Acesso em: 04/09/2021.

LIMA, M. S. L. de S. **Deu zika no Toca! Cobertura jornalística e discursos sobre o zika vírus na imprensa regional**. 2019. 108 p. Dissertação (Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva) — Universidade de Brasília. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/37674/1/2019\\_MarianeSanchesLeoneldeSousaLima.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/37674/1/2019_MarianeSanchesLeoneldeSousaLima.pdf). Acesso em: 24/04/2022.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. [S.l.]: Atlas, 2010. 320 p. ISBN 9788522457588. Acesso em: 25/10/2021.

MARQUES, F. J. P.; TEIXEIRA, M. C. S.; BARRA, R. R. Children born with congenital Zika syndrome display atypical gross motor development and a higher risk for cerebral palsy. **Journal of child neurology**, v. 34, n. 2, p. 81 – 85, nov. 2018. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0883073818811234>. Acesso em: 18/09/2021.

MELO, A. S. O. *et al.* Zika virus intrauterine infection causes fetal brain abnormality and microcephaly: tip of the iceberg? **Ultrasound in Obstetrics & Gynecology**, v. 47, n. 1, p. 6 – 7, jan 2016. Disponível em: <https://obgyn.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/uog.15831>. Acesso em: 04/09/2021.

MENDONÇA, A. V. M. O papel da comunicação em saúde no enfrentamento da pandemia: erros e acertos. **Conselho Nacional de Secretários de Saúde**, Brasília, v. 3, p. 164 – 179, 2021. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40912/1/CAPITULO\\_PapelComunicacaoSaude.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/40912/1/CAPITULO_PapelComunicacaoSaude.pdf). Acesso em: 25/09/2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Dengue no Brasil - Informe epidemiológico - 16/2009 Monitoramento CGPNCD. **Dengue no Brasil**, Brasília, p. 1 – 12, 2009. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/dmdocuments/boletim\\_dengue\\_1a23de2009.pdf](https://www.paho.org/bra/dmdocuments/boletim_dengue_1a23de2009.pdf). Acesso em: 18/09/2021.

MUSSO, D. *et al.* Potential sexual transmission of Zika virus. **Emerging infectious diseases**, v. 21, n. 2, p. 359 – 361, fev 2015. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4313657/>. Acesso em: 04/09/2021.

OLIVEIRA, D. B. L. *et al.* Persistence and intra-host genetic evolution of Zika virus infection in symptomatic adults: a special view in the male reproductive system. **Viruses**, v. 10, n. 11, p. 1 – 16, ago-nov 2018. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1999-4915/10/11/615>. Acesso em: 04/09/2021.

ORGANIZATION, W. H. Zika Situation Report: Neurological syndrome and congenital anomalies. p. 1 – 6, fev 2016. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/204348/zikasit?sequence=1>. Acesso em: 04/09/2021.

PENTEADO, C. C.; FORTUNATO, I. Mídia e políticas públicas: possíveis campos exploratórios. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, p. 129 – 141, fev 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/FmJPwZ6cVKGwK7M9bjhbZSp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25/10/2021.

PINTO JUNIOR, V. L. *et al.* Vírus Zika: revisão para clínicos. **Revista Científica da Ordem dos Médicos**, Acta Médica Portuguesa, Lisboa, v. 28, n. 6, p. 760 – 765, nov-dez. 2015. ISSN 0870399X. Disponível em: [https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/13670/4/Vitor\\_Laerte\\_Pinto\\_Junior\\_BSB\\_2015.pdf](https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/13670/4/Vitor_Laerte_Pinto_Junior_BSB_2015.pdf). Acesso em: 04/09/2021.

PRAZERES, G. G. da S.; LIMA, I. de S.; MACIEL, B. Mídia e divulgação de conhecimentos sobre as doenças transmitidas pelo mosquito *Aedes aegypti* em Recife – Pernambuco. **RAZÓN Y PALABRA**, v. 20, n. 95, p. 3 – 25, out-dez 2016. ISSN 16054806. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1995/199550145002.pdf>. Acesso em: 25/10/2021.

REDACÃO. Ministério da Saúde confirma oito casos de zika vírus na Bahia. **Correio Braziliense**, Bahia, mai. 2015. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/ministerio-da-saude-confirma-oito-casos-de-zika-virus-na-bahia/>. Acesso em: 18/09/2021.

SANTOS, A. CADERNO MÍDIA E SAÚDE PÚBLICA. In: SANTOS, A. (org.). **Mídia e saúde pública**. Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006. p. 1 – 128. Disponível em: [http://www.esp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2009/06/caderno\\_midia\\_e\\_saude\\_publica.pdf](http://www.esp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2009/06/caderno_midia_e_saude_publica.pdf). Acesso em: 25/09/2021.

SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE - MINISTÉRIO DA SAÚDE. Boletim Epidemiológico. **Óbito por arboviroses no Brasil, 2008 a 2019**, Brasília, v. 51, n. 33, p. 1 – 28, AGO 2020. Disponível em: <http://plataforma.saude.gov.br/anomalias-congenitas/boletim-epidemiologico-SVS-33-2020.pdf>. Acesso em: 04/09/2021.

VILLELA, E. F. D. M.; NATAL, D. Encefalite no litoral paulista: a emergência da epidemia e a reação da mídia impressa. **Saúde e Sociedade**, v. 18, n. 4, p. 756 – 761, dez 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/SbGNmJ9cfYzzDGc8WDh7rBy/?format=pdf&lang=pt>.

WOLTON, D. **Elogio do grande público**: Uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996. 319 p. ISBN 8508059094. Disponível em: [https://www.academia.edu/18978085/WOLTON\\_Dominique\\_Elogio\\_do\\_Grande\\_Publico](https://www.academia.edu/18978085/WOLTON_Dominique_Elogio_do_Grande_Publico). Acesso em: 31/03/2022.

XAVIER, C. Mídia e saúde, saúde na mídia. **Caderno Mídia e Saúde Pública**, Escola de Saúde Pública/Funed, Belo Horizonte, p. 43 – 55, 2006. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/coleciona-sus/2006/28172/28172-398.pdf>. Acesso em: 18/09/2021.